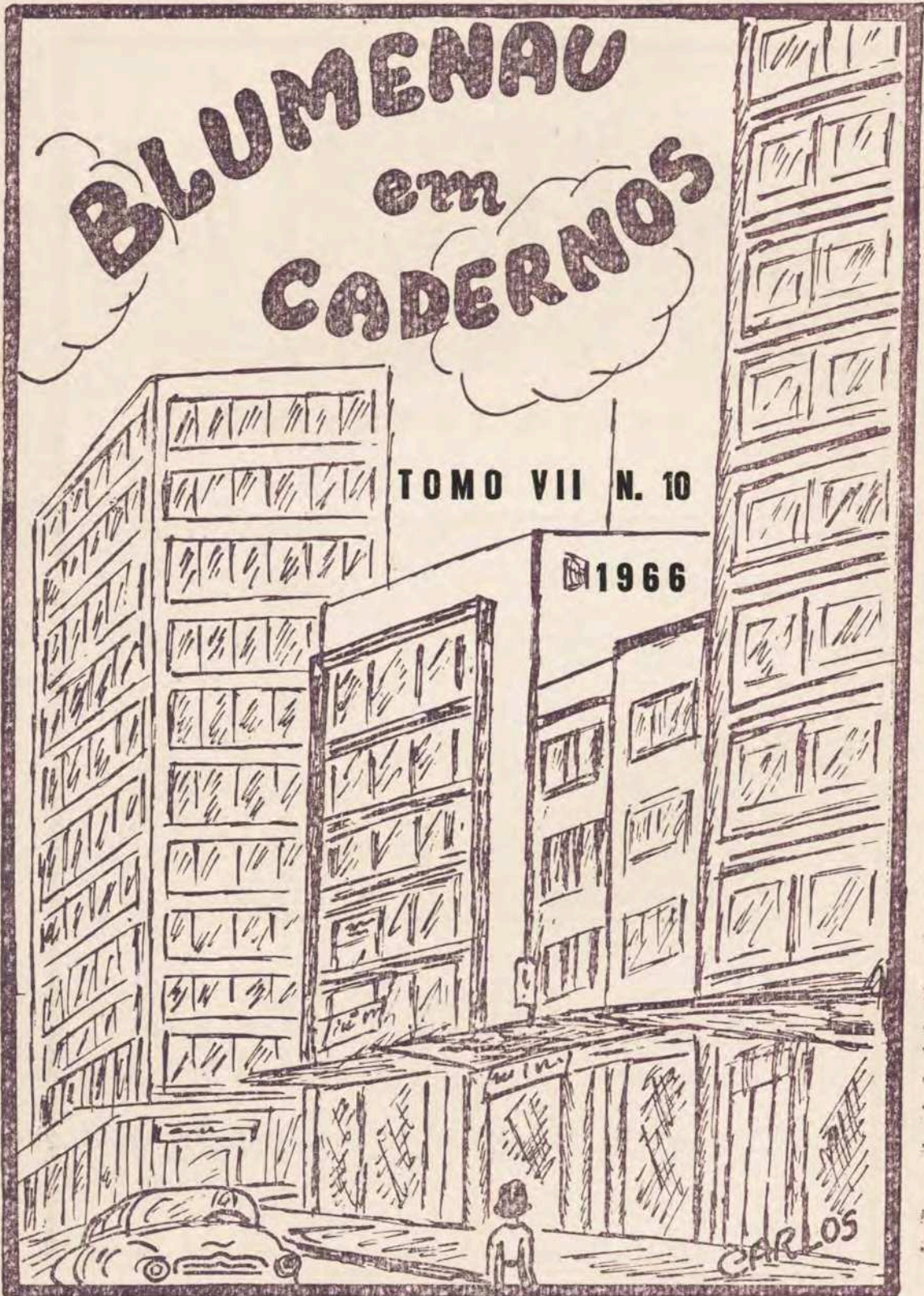


BLUMENAU em CADERNOS

TOMO VII N. 10

1966



HOTEL REX

BLUMENAU

SANTA CATARINA



100 APARTAMENTOS

dotados de todo o conforto.

BLUMENAU em CADERNOS

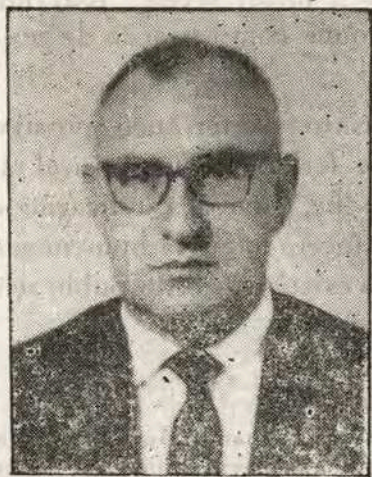
TOMO VII



Nº. 10

UMA JUSTA E SINCERA HOMENAGEM

Há muito tempo que tínhamos resolvido prestar uma homenagem a um dos grandes amigos de "BLUMENAU EM CADERNOS", a quem esta publicação deve, praticamente a sua existência. Quando, em 1958, ainda em Curitiba, concebemos a idéia de uma revista destinada, exclusivamente, ao estudo e divulgação da história do Vale de Itajaí, afastada, completamente, de assuntos políticos, religiosos e mesmo administrativos, conversamos a respeito com vários amigos e alguns blumenauenses que sempre haviam demonstrado interesse nas pesquisas das coisas do nosso passado.



JOSÉ SANCHEZ, sub-diretor do Banco
Indústria e Comércio da Santa Catarina S. A.,
em São Paulo

Naturalmente, todos se entusiasmaram pela idéia. Acharam-na magnífica, de grande utilidade para as letras históricas catarinenses e incentivaram-nos a levá-la avante, a concretizá-la sem demora.

Quando, porém, aludimos ao lado financeiro do empreendimento, aí o entusiasmo de muitos arrefeceu. Uns não podiam ajudar pessoalmente; outros não tinham tempo para solicitar de firmas industriais e comerciais uma parte, pelo menos, do dinheiro necessário para se pôr em execução a idéia. Era, nêsse tempo, gerente da Agência do Banco INCO, em Curitiba, o sr. José Sanchez, que nos distingue com a

sua amizade e a quem comunicamos o nosso projeto. Sanchez não apenas o apoiou. Pôs logo à nossa disposição a quantia necessária para a edição do primeiro número. Mesmo assim, hesitamos. A tarefa seria árdua e temíamos fracassar logo de início. José Sanchez, entretanto, animou-nos de tal forma que resolvemos correr todos os riscos. "Blumenau em Cadernos" veio à luz da publicidade. E, transpondo hoje uma dificuldade, superando amanhã muitos percalços, vem se mantendo, é verdade que com enormes sacrifícios e com a ajuda de outros homens idealistas, de entidades como o Lions-Clube e com uma pequena contribuição da Prefeitura Municipal. E, sempre que as aperturas financeiras ameaçavam o desaparecimento dos "Cadernos". José Sanchez nos trazia a sua contribuição monetária e a sua palavra de estímulo e de coragem. Nos meados do ano passado, por ocasião da publicação do último número do Tomo VI, cansados de mendigar anúncios e auxílios, resolvêramos dar por finda a nossa tarefa. O Lions-Clube Blumenau-Centro, veio em nosso auxílio e, com essa valiosa cooperação, pudemos garantir pelo menos por mais um ano a publicação dos "Cadernos". O Tomo VII irá até ao fim, se Deus quizer e graças ao benemérito e patriótico gesto dêsse Clube de Serviço. Pois, lendo a nota que publicámos a respeito das dificuldades em que nos debatíamos, José Sanchez, com surpresa nossa, nos mandou de S. Paulo, onde ocupa alto pôsto na direção do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina, substancial ajuda em cheque a nosso favor. Isso tudo, desinteressadamente, sem esperar qualquer compensação da nossa parte.

Embora saibamos que o distinto conterrâneo possivelmente se agastará conosco, sentindo-se ferido na sua natural modestia, não podemos deixar de prestar-lhe, com a publicação da sua fotografia, uma modesta, porém sincera e justa homenagem. Ele bem a merece pelo muito que fez pela existência desta publicação.

Com a proclamação da República, em 1889, as Câmaras Municipais foram suprimidas e, em seu lugar, criadas as Intendências Municipais. A primeira Intendência de Blumenau, em 1890, foi composta do Dr. José Bonifácio da Cunha, como presidente e Gustavo Salinger, Augusto Müller, Frederico von Ockel, Emilio Wehmuth, Fernando Braatz, Georg Manser, Luiz Abiy, Pedro Schmidt, Henrique Krochberger, Henrique Reuter, Aleandro Knoblauch e Luiz Altenburg.

INTERCÂMBIO CULTURAL

H. P. ZIMMERMANN

Por muito que se tenha escrito e falado sôbre a aculturação dos imigrantes alemães que se radicaram no Brasil, e a de seus descendentes, o assunto sempre de nôvo desperta a atenção dos historiadores e dos sociólogos, quando surge a oportunidade de debatê-lo por que êle não só apresenta uma face positiva, porém também aspectos negativos. Em julho de 1963 tivemos oportunidade de participar de um colóquio de estudos teuto-brasileiros de todos os Estados brasileiros, em Porto Alegre, do qual participaram professores, sociólogos, políticos, sacerdotes etc., no qual apresentamos um trabalho sôbre os suábios do Danúbio radicados no Paraná, trabalho êste que surgiu das pesquisas de campo que realizamos na Colônia Entre Rios, em Guarapuava em colaboração com a ilustre professora Cecília Maria Vieira Heim, sob a sábia orientação do professor Dr. Loureiro Fernandes. O temário do colóquio constou de quatro grupos, abrangendo um total de vinte e sete pontos diferentes. Todavia essa profusão de temas e as suas subdivisões não conseguiu abordar a plenitude da idéia geral sôbre a aculturação dos alemães imigrados para o Brasil e os seus descendentes. O assunto é por demais extenso e para se estudar os equívocos e mal-entendidos da imigração para o Brasil, os desajustamentos institucionais entre os imigrantes e a nova pátria, as tensões e conflitos na imigração alemã, as suas causas e repercusões, os problemas da educação, o ensino das línguas portuguêsa e alemã nas áreas de povoamento teuto-brasileiro, seria necessário a realização de sérias pesquisas nos arquivos existentes para a averiguação dos fatos reais do passado e pesquisas de campo nas zonas de maior densidade de brasileiros de origem alemã para conhecimento da situação atual. Tais pesquisas não serão realizáveis em semanas ou meses, porém demandariam vários anos o que se pode exemplificar com a obra do Professor francês Jean Roche, da Universidade de Toulouse, que realizou pesquisas durante doze anos para escrever a sua obra: «OS ALEMÃES E O RIO GRANDE DO SUL». Diga-se de passagem, que os pontos acima focalizados pertencem mais à história do que à realidade, porque ninguém de boa fé hoje pode afirmar, que ainda existem sérios problemas de aculturação nos meios teuto-brasileiros. Aliás os imigrantes quando aqui chegaram, imediatamente sentiram as imposições do meio que os obrigou a modificar muitos de seus hábitos e costumes e até mesmo a introduzir em sua língua original, numerosos termos da língua portuguêsa para designar objetos para os quais não conhecia palavras alemãs. Quando em 1850, o Dr. Hermann Blumenau fundou a colônia a que deu o seu nome, procurou conservá-la no mais estrito isolamento conservando os antigos usos e costumes dos imigrantes. Decorridos poucos decênios o escritor Wolfgang Hoffmann Harnisch escreveu dos imigrantes de Blumenau: «AQUI A NATUREZA É TÃO POSSANTE QUE TRANSFORMOU OS IMIGRANTES». É que, também os imigrantes radicados na mais fechada das colônias tornaram-se brasileiros da gema, como aconteceu com os portuguêses e os de outros grupos étnicos. Houve tempos em que se julgou haver necessidade de combater o uso e o ensino da língua alemã nos grupos de povoamento de alemães e seus descendentes. Hoje se constata que brasileiros de origem alemã usam quase só a língua portuguêsa e na maioria desconhecem

o idioma alemão. Quando o falam, expressam-se nesta língua de forma arcaica enxertam-na com muitas palavras portuguesas e usam termos quase incompreensíveis para aquêles que aprenderam falar o alemão correto. O mesmo ocorre quanto à conservação dos usos e costumes germânicos. Se êles em numerosas famílias ainda são conservados como tradição em numerosas outras foram completamente abandonadas. Desde muito já não mais interessa a numerosos jovens de origem alemã, pertencer ao grupo étnico germânico. O que mais a êles interessa, é pertencer a um sindicato ou a um partido político. Pelo menos é isto que afirma o sociólogo Emilio Willems, o qual, diga-se de passagem, já foi cidadão holandês, alemão, brasileiro e atualmente é naturalizado cidadão estadunidense. Já não existe mais no Brasil o problema da aculturação dos brasileiros de origem alemã. É um assunto superado. O que observamos agora, é que o Brasil onde o ambiente e a natureza agem rapidamente no caldeamento das raças é também o país que possui uma jóvem cultura, porém vigorosa com bases na cultura lusitana, mas que sofreu o influxo de numerosas outras culturas para cá trazidas pelos imigrantes das mais diferentes origens, entre as quais os procedentes da Alemanha formam apreciável grupo. Não menos apreciável é a contribuição da cultura alemã na formação da cultura brasileira e esta contribuição e a necessidade de não se deixar estancar a nascente donde ela procede de uma maneira geral são reconhecidas da maioria dos brasileiros ilustres. Ainda recentemente o eminente sociólogo brasileiro, Prof. Gilberto Freire aumentando o seu sóbrio conhecimento da língua alemã, assim se expressou: «Aconselho a todo o homem de estudo ainda jovem que evite em tempo resvalar na deficiência em que me resvalei. A falta de um conhecimento autêntico e não fingido, inteiro e não superficial, da língua alemã, é falta grave na cultura ou no saber de qualquer moderno homem de estudo. O moderno homem de estudo em qualquer parte do Mundo, do Ocidente ou do Oriente, a quem falte um bom conhecimento da língua alemã é um homem manco no seu saber ou na sua ciência. Não digo que êsse conhecimento precise de ser tão perfeito que lhe permita conversar, discursar e discutir à vontade nessa língua... Refiro-me a um conhecimento principalmente intelectual o que o habilite a ler não só livros técnicos como obras literárias»...

Até aí o grande mestre e sociólogo de renome internacional. Êle é brasileiro no mais autêntico sentido da palavra e se assim se exprime sobre a utilidade de conhecer a língua é porque vê nela um elemento capaz de contribuir de maneira decisiva na elevação intelectual dos brasileiros de quaisquer origens e no desenvolvimento da cultura brasileira. Por isso consideramos mais do que lamentável, que brasileiros de origem alemã que herdaram êste grande elemento cultural de seus antepassados, dêles se destaquem como cousa inútil, como cousa sem valor e de nenhuma importância para si próprios e para a sua pátria.

Como dissemos acima: é assunto que merece ser amplamente discutido que merece ser estudado nas suas origens para que se constate, com clareza, quais os motivos dêsse abandono cultural, mesmo porque o Brasil é país que progride de maneira incrivelmente rápida e não se pode dar ao luxo de manter em suas fileiras numerosos cidadãos que apenas falem uma só língua e assim pouco possam contribuir para o seu desenvolvimento geral.

Uma idéia para a cura dos «Play-Boys»

«Play-boys» devem ter existido em tôdas as épocas da humanidade pré, histórica ou moderna. A mitologia mesma está cheia dêles e, se esmiuçarmos bem, vamos encontrá-los na própria Bíblia. Rapazes fogosos e desmiolados nunca faltaram em parte alguma do mundo. Não faltavam, também, na Alemanha do tempo do Dr. Blumenau e da fundação da sua Colônia. O filósofo alemão metera-se no mato das margens do Itajaí, com umas dezenas de patrícios, e deram duro para fundar e engrandecer um estabelecimento colonial que fôsse um modelo de disciplina, ordem e trabalho. Sacrificaram-se ao extremo, especialmente o fundador que chegava a privar-se da própria comida para que os seus colonos não passassem fome.

Alguns velhos amigos do Dr. Blumenau, na Alemanha, que tinham algumas posses e filhos rebeldes, encontraram um meio excelente de apagar o «fogo» dos seus rapazes. Deram-lhes algum dinheiro, bem pouco, compraram-lhes uma passagem (só de ida) para o Brasil e, como uma carta lamuriosa ao Dr. Blumenau, mandaram-no para as margens do “Garcia”.

Copiamos do “Relatório” do Dr. Blumenau, relativo ao ano de 1856, os seguintes tópicos que nos dizem do destino que alguns «play-boys» coloniais tiveram por estas bandas:

«Com cada navio de colonos», começa o trecho do relatório que, aliás, já foi publicado nestes «Cadernos», chegam da Alemanha 3, 4 e mais jóvens, filhos de boas famílias e trazendo-me cartas de recomendação dos seus parentes, em que êstes me pedem de tomar aquêles sôb minha proteção e vigilância, a fim de aprenderem e se acostumarem aos trabalhos da lavoura do país e se prepararem para o seu futuro estabelecimento. Às vêzes êsse proceder é uma espécie de destêrro para rapazes fogosos ou malcriados, que os parentes assim querem domar; mas pela maior parte êstes me pedem, de lhes escrever sôbre os mesmos moços, logo que eu os julgue bastante adiantados no conhecimento do País e da sua lavoura e de tão bons costumes e amor ao trabalho para, com razão, se poder esperar que bem empreguem o cabedal, mais ou menos considerável, que os parentes lhes reservam na Alemanha, para o seu definitivo estabelecimento. Tal confiança é seguramente muito lisonjeira e honrosa e traz de ano a ano maior afluxo de colonos e cabedais ao

Itajaí, mas ao mesmo tempo me cconstrange a sacrificios que, pouco a pouco, alcançam alguma monta e aos quais os demais empregadores de colônias raras vêzes hão de estar sujeitos. Chegando tais moços e não trazendo, por bem entendida precaução dos parentes, senão pouco dinheiro, mui raras vêzes alguém os quer empregar nos seus trabalhos, nem mesmo de graça e só pela comida, ora por ser a superioridade de educação e das maneiras, desagradável a muita gente de mais baixa condição, ora pelo medo de que não trabalhem bem e nem mesmo ganhem a comida, o que, nos primeiros meses, quase sempre acontece, ou que adoecem de pernas inchadas ou outras moléstias de aclimatação, de que os casos muito se repetem. Afinal, não me posso subtrair a fazer, por assim dizer, a educação e aprendizagem de tais moços, quando aliás se comportarem bem e ter paciência com as suas doenças e outros impedimentos, dando-lhes e até inventando para êles trabalhos e pagando-lhes um pequeno salário de 4\$000 mensais e a comida. Entretanto, quase nunca merecem, nos primeiros 3 a 5 meses, nem tão pequeno jornal e o seu trabalho raramente produz o valor da sua comida e, freqüentemente, nem a metade dêle. Sabendo êles logo manejar o machado, que já não ferem aos próprios pés, em vez dos paus, sabendo roçar com a foice e capinar e, enfim, trabalhar e merecendo, ou julgando merecer, um jornal regular, pedem ou vão se embora ou se estabelecem por conta própria sem se lembrarem do que por êles fiz e gastei...»

Que tal se os papais ricos de "play-boys" que andam por aqui hoje a encher-nos as medidas e a secar-nos a paciência, arranjassem uma colônia nova, lá para o Amazonas, ou para as terras do nosso incomparável Otto Wille, em Mato Grosso, e para lá mandassem os filhos aprenderem o «quanto dói uma saudade»?...

— BLUMENAU EM CADERNOS —

Fundação e direção de J. Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina

— Assinaturas: por Tomo (12 números) Cr.\$ 1.000 —

Redação e Administração: Alameda Duque de Caxias, 64

Caixa Postal, 425 — BLUMENAU — Santa Catarina - Brasil

A PROPÓSITO DA EXCURSÃO DO DR. ARAÚJO BRUSQUE AO RIO ITAJAÍ

Carlos da COSTA PEREIRA

A 24 de julho de 1860, transpunha a barra do Itajaí-Açu a canhoneira «Belmonte», conduzindo a seu bordo o Presidente da Província, Dr. Francisco Carlos de Araujo Brusque, sua comitiva, o Barão de Schneeberg e os primeiros povoadores da colônia que, sob a direção do mencionado Barão, se ia fundar à margem esquerda do Itajaí-Mirim.

A «Belmonte», após curta permanência defronte da vilazinha situada acima da barra, continuou a subir o rio até a confluência do Itajaí-Mirim, onde os colonos, mais ou menos em número de sessenta, desembarcaram, acomodando-se provisoriamente no barracão ali construído e seguindo, dias depois, em canoas, para o local em que seria estabelecida a sede da nova colônia - a atual cidade de Brusque.

Tendo o Presidente resolvido visitar a colônia de Blumenau, a «Belmonte», sulcando novamente as águas do Itajaí-Açu, foi lançar ferros no lugar denominado Luís Alves, pois o prático achara arriscado levar a canhoneira mais adiante.

Sob as iniciais J. C., o médico e botânico, Dr. Joaquim Caminhoá, que fazia parte da comitiva presidencial, publicou, dessa excursão, circunstanciada notícia, em duas partes, a primeira, no «Progressista», de 2, e a segunda, no «Argos», de 7 de agosto de 1860. Das notas que, baseado nessa narrativa, publicamos no matutino «O Estado», de Florianópolis, de 9 de julho de 1957, extraímos o seguinte referente à visita que o Dr. Araújo Brusque fizera à colônia de Blumenau:

«Os Excursionistas (a partir de Luís Alves) prosseguiram viagem em escaleres, recebendo S, Excia. cumprimentos e vivas dos habitantes de ambas as margens do rio. A 27, chegavam à casa do Sr. Flôres - José Henriques Flôres, avô do nosso coestaduanio Marcos Konder -. Depois de obsequiados pelo abastado fazendeiro, continuaram a subir o rio, «sempre encontrando pela proa um monte escuro e antipático», provavelmente o morro do Baú. Anotecera e tiveram de pernoitar na casa de um velho colono alemão chamado Frederico. Às 8 horas da manhã do dia seguinte (28), chegaram a Blumenau. Recebeu-os uma comissão e passaram o dia esplendidamente. O Dr. Blumenau causou-lhes a melhor impressão e julgaram-no digno da estima dos brasileiros, pois soubera vencer os obstáculos encontrados em seu árduo trabalho, fazendo a colônia progredir incessantemente. Gostaram também do professor da colônia. “O pobre Dr. - cremos tratar-se do próprio Caminhoá - teve que sustentar três teses: uma sobre febre amarela, outra sobre homeopatia e outra sobre filologia, que interessaram muito aos circunstantes; mas êle concluiu que não perdoava aos alemães terem mulheres do gênero neutro - DAS FRÄULEIN”. - De regresso, foram surpreendidos, a bordo da “BELMONTE”, com a notícia da morte de quatro marinheiros, que se haviam alagado quando voltavam de terra para o navio. - A 29 de julho, retornavam ao Destêrro, com escala por Pôrto Belo, onde visitaram a Caixa de Aço, “que tinha tanto aço, quanto ouro eu na algibeira”, arrematava J. C.”.

O que é de estranhar em tudo isso, é que, havendo passado pela

sede da antiga freguesia do SS. Sacramento de Itajaí, pouco antes, pela Resolução N. 464, de 4 de abril de 1859, elevada à categoria de vila, — o cronista não fizesse alusão a nenhuma pessoa do lugar, limitando-se a dar a impressão que tivera, quando ali pernoitara, ao apreciar de bordo, sob o luar, a incipiente Itajaí. — “A vila é lindinha — escrevia J. C. no seu lirismo — mas é bastante pequena e pouco populosa; mas quando à noite a Lua, como uma sultana vaidosa, se mirava no espelho cristalino do Itajaí, ela tornava-se como uma camponesa pequena e singela em seu trajar. Ainda mais fazia sobressair a poesia que poderia inspirar qualquer coração duro, os sons melodiosos de uma flauta, quebrando a mudez da noite e semelhando o gorgoejo triste do sabiá pousado sobre os leques das palmeiras americanas.”

O caso, porém, tem a sua explicação. A 4 de agosto do referido ano, o “ARGOS” publicava a seguinte nota:

“Dão-se casos tão extravagantes que, por honra dos habitantes do lugar aonde eles sucedem, conviria que passassem desapercibidos; mas ao jornalista consciencioso da sua missão não é dado faltar aos seus deveres por considerações de tal ordem, e se o fizesse, expor se-ia a graves censuras, além do desconceito em que necessariamente deveria cair, o que deve-se evitar. Quem não quer ser lobo não lhe veste a pele, diz o adágio.

Vamos ao caso.

“Quando o Exmo. Sr. Presidente da Província, levado por seus nobres sentimentos de zelo e interêsse pela prosperidade da Província, que tão acertadamente lhe fôra confiada, embarcou na canhoneira de guerra “BELMONTE” com porção de colonos e seguiu para o Itajaí (rio), com o fim de ali estabelecer uma colônia, o que se efetuou como todos sabem, chegou na nova vila de Itajaí, sede do município também criado de novo; e não houve uma dessas personagens da vila que ocupam os primeiros cargos, como sejam: presidente da câmara municipal, delegado de polícia, juiz de paz, coletor de rendas públicas, etc., que tivesse a delicadeza de ir ao encontro de S. Excia., cumprimentá-lo e oferecer-lhe hospedagem. Via se S. Excia. em termos de passar a bordo de seu transporte, se não fôra Deus servido, que ali fôsse residir o Sr. José Francisco Alves Serpa, que deu agasalho a S. Excia.

“Dêste fato fomos informados por uma pessoa que, estando de viagem para esta cidade, o presenciou antes de partir.

“Assim mesmo, não lhe demos todo crédito, porque não era de presumir que essas proeminências da nova vila, que tanto se empenharam com os membros da assembléa provincial do biênio de 1858 a 1859, para conceder-lhes o que hoje gozam, fôsem capazes de praticar uma ação que não admite explicação alguma, com a primeira autoridade da Província, com o Exmo. Sr. Dr. Brusque, com êsse cavalheiro merecedor de todo o respeito, consideração e fineza, por suas maneiras delicadas e afáveis com que costuma tratar a todos que o procuram.

“Todavia, a discrição da viagem de S. Excia. escrita por pena hábil e publicada, parte no “PROGRESSISTA” N. 23 de 5^ª última, veio confirmar essa notícia, apesar do ilustre escritor com a habilidade que lhe é própria, ocultar essa passagem.

“Mais alguma coisa diríamos a tal respeito, mas faltando-nos tempo e espaço, aqui ficamos; oportunamente voltaremos”.

O presidente da Câmara Municipal da vila recém-criada, logo que teve conhecimento da áspera censura — entremeada de ironias — que era feita às autoridades de Itajaí, achando-se no Destêrro, enviou ao “ARGOS”,

a defesa que o referido jornal publicou em sua edição de 7 do mesmo mês, precedendo-a, entretanto, dêste comentário:

"O Ilmo. Sr. Jacinto Zuzarte de Freitas, digno presidente da câmara da deserta Vila de Itajaí, honrou-nos com a declaração ou defesa em refutação à nossa simplíssima notícia da ocorrência havida naquela vila, quando o Sr. Presidente ali foi. — Pelo que diz o Sr. Zuzarte, não resta a menor dúvida que a nova Vila de Itajaí é um verdadeiro êrmo. Para as pessoas que influíram e assaz trabalharam para dar-lhe a categoria que não podia ainda comportar, deve isto causar-lhes sensações desagradáveis, por terem concorrido para praticar-se um ato impensado, menos justo. — Para essa famosa defesa chamamos a atenção do leitor".

A aludida defesa estava concebida nos seguintes têrmos:

Sr. Redator do "ARGOS".

"Lendo o artigo editorial de seu conceituado jornal, hoje publicado, onde faz uma censura às pessoas que ocupam os primeiros cargos na vila de Itajaí, pelo tato de não irem cumprimentar ao Exmo. Sr. Presidente da Província e otrecerem-lhe hospedagem quando ali chegou, consinta que ligeiramente, na qualidade de Presidente da Câmara Municipal respectiva, me defenda dessa arguição, assim como as demais autoridades do lugar. Não tive a honra de saber da viagem de S. Excia. senão no dia 26 do passado que aqui cheguei, vindo de Itapocoróí, pois que sou residente na Freguesia da Penha, distante daquela vila mais de duas léguas, e ali não soube que S. Excia. pretendia ir a Itajaí. O vereador imediato, o Sr. José Henriques Flôres, a quem entreguei a Presidência da Câmara durante a minha ausência, é morador fora da vila para mais de légua e meia, e não podia de pronto sabêr da chegada de S. Excia.; todos os mais vereadores têm suas residências fora da referida vila, uns rio acima e outros em Camboriú, em distâncias maiores de duas léguas".

"Ouvi dizer, antes de minha saída para esta, que o Delegado de Polícia tinha ido para a fazenda de seu sogro, onde a Senhora do mesmo se conservava doente com sarampo: estava, pois, fora da vila. O Juiz de Paz também é morador de rio acima. O Coletor, único que reside na mesma vila, se achava doente de cama e impossibilitado de sair à rua. Desta forma, vê V. Sia. que não era possível aparecerem prontamente a S. Excia. tais personagens.

"Consta-me, porém, que o Delegado logo que soube da chegada de S. Excia., imediatamente voltou e acompanhou-o à Colônia de Blumenau. Conheço quão justa seria a censura feita, se não houvessem as circunstâncias que acabo de referir, e por isso dou esta plena explicação, defendendo-me dela, asseverando que sentí não saber a tempo da honrosa visita de S. Excia. à nova vila, a fim de cumprir os deveres que a civilidade e posição social em tal caso exigia. — Publicando V. Sia. estas linhas, muito grato lhe será

"O seu atento venerador e criado

JACINTO ZUZARTE DE FREITAS".

Destêrre, 4 de agôsto de 1860.

Agora, a lição da história. Decorreram os anos; e a vila "bastante pequena e pouco populosa", no dizer de J. C., ou "um verdadeiro êrmo", como, segundo o "ARGOS", se poderia concluir da defesa de Zuzarte de Freitas, — é hoje uma das mais florescentes cidades catarinenses, com mais de 20.000 habitantes, ocupando no Estado, até há pouco tempo, o 4º lugar em população.

INTERESSANTE CORRESPONDÊNCIA

Os dois irmãos FELIPE e RODOLFO KIRCHNER emigraram da Alemanha para a Colônia Blumenau em 1854. Dois anos depois, escreviam ao seu irmão Luís, que era atuarió judicial em Berlim, as cartas que se seguem e que traduzimos do livro publicado, em 1857, pelo Dr. Blumenau ("JAHRESBERICHT") que, por sua vez, as transcrevera do jornal hamburguês "HAMBURGER ZEITUNG FÜR DEUTSCHE AUSWANDERUNGS- UND KOLONISATIONSANGELEGENHEITEN". As informações que os irmãos Kirchner nos fornecem nessas missivas são muito interessantes e dão bem uma idéia da situação em que se encontrava a Colônia Blumenau seis anos depois de fundada.

"Blumenau, 4 de julho de 1856.

Meu caro irmão.

Já se passou muito tempo da última vez que te escrevi. Mas, como diz o ditado "o que demora sai bom", também eu estou em condições de mandar-te somente notícias alegres.

Agora mesmo, enquanto te escrevo, relembro a nossa situação, assim como a de toda a Colônia, na data em que te escrevi a última carta — foi em outubro de 1855 — e vejo, então, que não apenas as nossas próprias condições melhoraram muito, mas que toda a Colônia teve um desenvolvimento tal que pode encher de satisfação e orgulho o peito de todos os moradores.

A mata bruta sentiu bem os efeitos do machado e cedeu lugar a campos produtivos e a plantações de cana-de-açúcar e de café. Passa-se, agora, de um colono para o outro, por caminhos bons e não se precisa mais esperar às margens dos riachos e ribeirões por uma canoa para atravessá-los, pois há pontes pelas quais se pode fazê-lo sem perda de tempo e com segurança.

A cidade de Blumenau merece já esse título, pois já tem umas ruas bonitas com casas elegantemente construídas.

Também os moradores esparsos melhoram os seus sítios de forma que a gente, de vez em quando, defronta-se com fazendas que não é por toda a parte que se encontram na Alemanha.

Em uma palavra: o desenvolvimento da nossa Colônia marcha satisfatória e seguramente.

Uma das causas principais do florescimento da Colônia Blumenau, segundo o meu modo de vêr, se deve ao fato de ser habitada quase que exclusivamente por alemães, conservando assim, os costumes, a língua e sobretudo a atividade e persistência dos alemães.

Nós, alemães, encontramos-nos como em nossa pátria, embora situados aos 27° de latitude sul, próximos à zona quente, pois, do eterno calor e das más doenças de que tanto se inventa na Europa, nós aqui não sentimos nada. A proximidade das costas do mar abranda, especialmente no verão, o calor, de forma que o clima para nós é perfeitamente suportável. Uma prova disso é, ao quanto sei, que nenhum dos colonos que aqui chegaram com saúde tivesse adoecido. Da mesma forma, aqui produzem em abun-

dância diversas espécies de cereais, tôdas as frutas alemãs, especialmente batatas, feijão, cenouras e todas as espécies de verduras. Preparamos o nosso pão com as nutritivas raízes da mandioca e eu o acho muito saboroso. Além disso, o nosso solo produz mais uma porção de preciosos gêneros, como: arroz, milho, café e muitas frutas e também cana e tabaco estão sendo cultivados com muito sucesso. Ao agricultor, pois, oferece a nossa terra tentadoras possibilidades.

Entretanto, assim como a Colônia progride com tanta evidência, há grande falta de bons trabalhadores em tôdas as profissões, especialmente sente-se a falta de artífices e esta com certeza se agravará no próximo ano.

Apesar de um operário ganhar (em valor de moeda prussiana) 20 "Silbergroschen" por dia, livres, há falta de trabalhadores. Seria, portanto, de grande interesse para todos que muitas centenas de trabalhadores, de preferência alemães, viessem quanto antes se estabelecer aqui.

Eu posso garantir que o citado salário não é tão alto porque corresponda aos preços dos diversos gêneros, vestimentas e hospedagem, não. É apenas a falta de mão-de-obra e disso é prova de que gente, que não era lá muito forte de músculos e de saúde, em pouco tempo estava em condições de estabelecer-se por própria conta e hoje apresenta-se como destacados proprietários de sítios na Colônia.

Ao contrário do que acontece na Europa, o trabalhador aqui é bem visto e respeitado, tanto quando o proprietário rico, pois a qualidade do trabalho não conta e sim a aplicação e a agilidade do trabalhador.

Mais do que a de trabalhadores braçais, sente-se a falta de mestres dos vários ofícios, embora não em tão grande quantidade, especialmente de carpinteiros, marceneiros, ferreiros, serralheiros etc. Também são necessários construtores que possam construir engenhos de farinha e de óleos, movidos a água, assim como estufas e fornos para tijolos.

Esses engenhos são muito necessários à Colônia e esta oferece excelentes condições para a sua instalação, pois é cortada por uma infinidade de cursos d'água e seus terrenos são apropriados.

Quanto mais a Colônia Blumenau cresce e mais rica se torna pela criação de suas fôrças, aumenta também uma lucrativa exportação.

E como não deverá ser assim se a nossa terra está tão próxima do litoral - distante apenas 6 a 8 milhas - e os navios atracam facilmente no nosso pôrto e podem até subir o grande Itajaí?. Os moradores das margens do rio, vendem seus produtos à porta das suas casas.

Eu, assim como a maioria dos habitantes da Colônia, pouco me interesso pelas coisas do govêrno e até mesmo pelas leis do Império, pois todos nos dedicamos àrduamente ao trabalho e não temos tempo para manifestações políticas e, de outro lado, não surgiram conflitos com as autoridades.

Apesar dessa indiferença, ninguem aqui pode deixar de reconhecer o esforço do govêrno em aumentar a colônia em todos os sentidos. Cito apenas: a notável soma adiantada para a construção de caminhos e pontes. O govêrno também já tomou medidas sérias para a solução do problema das escolas e, o que nos é especialmente grato, já autorizou a vinda, especial-

mente para nós alemães, de um pastor protestante, da Prússia, o qual chegará com o próximo navio.

Na minha opinião, a Colônia deve muita gratidão, por isso, ao seu fundador o Dr. Blumenau, que lhe tem sido um eficiente advogado. Ele também é muito respeitado. Os que agora vão chegando do Velho Mundo, encontram as condições de vida aqui muito diferentes das que eu e meu irmão encontramos à nossa chegada. Enquanto, antes os imigrantes desciam no pôrto da Colônia Dona Francisca, distante umas 8 milhas daqui e depois cobriam essa distância até aqui no que dispendiam, cada um, pelo menos 5 tálers, agora, o Dr. Blumenau fechou um contrato com uma casa armadora de Hamburgo, de acôrdo com o qual os imigrantes destinados para cá virão, diretamente, para o nosso pôrto, isto é, para o próprio local onde se instalarão.

Considerando-se essas e muitas outras vantagens com as que gozam os imigrantes alemães em outras partes do Novo Mundo, como por exemplo a América do Norte, certamente virá para cá uma emigração muito mais numerosa.

Na América do Norte os alemães encontram gente estranha e diferentes língua e costumes; geralmente têm que adentrar o país por muitas milhas, sempre enfrentando perigos, logrados por trapaceiros, quando não completamente "depenados" pelos mesmos. Aliás, nem sei porque estou eu aí a falar de tudo isto que os jornais já têm escrito. Eu quero apenas tentar mostrar bem claramente quão favorável será a situação dos alemães que quiserem emigrar para cá.

Da minha parte, eu me sinto aqui muito feliz e posso aconselhar a todos os patrícios que fôrem trabalhadores, ambiciosos e ativos, que se mudem para cá trazendo consigo os que estiverem nessas condições.

Deseja-te prosperidade o teu leal irmão

PHILIPP KIRSCHNER

A carta do outro irmão, Rodolfo (Rudolph) Kirschner é a seguinte:

Blumenau, 4 de julho de 1856.

Querido irmão.

Que nós dois, irmãos, nos sentimos aqui perfeitamente bem e encarando o futuro com satisfação, podes bem ver da carta do Felipe.

Quero ainda contar-te mais alguma coisa sôbre a nossa situação.

Na carta anterior, de outubro de 1855, salientei que estávamos planejando estabelecer em nossa fazenda de 2.000 geiras (Fazenda no rio Signe), juntamente com plantações, uma olaria e um engenho de arroz. Estamos firmes nesse projeto. As instalações de uma olaria de certa importância já estão prontas e em funcionamento e, faz poucos dias, tiramos do forno a primeira queimada. Sôbre a produção de tijolos não precisamos nos preocupar, pois que, para atender às encomendas já feitas até agora teremos que manter o forno em atividade pelo menos durante um ano. Os tijolos estão aqui um preço razoavelmente alto. O milheiro custa 35 tálers. O

projetado engenho de arroz está ainda em construção. Será terminado sòmente neste outono, ou seja depois da colheita, em abril de 1855 poderá ser pôsto em movimento. No entanto, será uma obra apreciável, da qual não apenas recuperaremos o custo em pouco tempo, como ainda pretendemos obter um bom lucro. Isso fãcilmente poderás verificar se eu te disser que, atualmente, o alqueire do arroz com casca custa um tãler e 10 Silbergro-schen e o descascado em compensação custa 5 tãlers, assim ao descascador tocam 4 tãlers por alqueire.

Esse descascador está sendo construido por um construtor de moínhos de Hettstedt, que viera também conosco para cá.

A colheita neste ano, na Colônia não foi grande. Pode entretanto ser considerada uma boa meia-colheita. A colheita de arroz, de cana-de-açúcar e de milho não foi muito favorável, ao contrário a de batatas e especialmente a de feijão foram excelentes. O feijão que, ademais, é aqui um ce-real de muito maior valor que na Europa, pois as diversas qualidades são consumidas verdes, em vagens, ou em sementes sêcas, produzem à razão de 100 por um grão. As batatas dão fãcilmente duas vêzes por ano. Não tive ocasião de observar nenhum canteiro doente dessa planta.

A manutenção de cavalos, mulas, bois, porcos e tôda sorte de aves, é de pequeno custo e poucas dificuldades, já que êsses animais, em grande parte, são postos em pastos e a outra parte é fãcilmente alimentada com frutos de que aqui há abundância. Os pastos são excelentes e apresentam aos olhos uma vista bem agradável. Nós mesmos temos um pasto de 500 morgos, no qual recolhemos até animais alheios por um aluguel bem barato.

O número de cabeças de gado nossas é de 8 cavalos, 1 mula e de um pequeno número de vacas e outros animais domésticos.

Um outro melhoramento com que agora contamos é que no comêço dêste ano construimos uma nova casa com boa madeira serrada. Foi pintada a cal por dentro e por fóra e coberta com telhas de barro. Tem quatro compartimentos e uma varanda diante da porta; posso dizer-te que ela já se apresenta bem respeitável.

Os gêneros de primeira necessidade, com excepção das fazendas são, naturalmente, baratos e com êles pode-se ter uma boa e variada cozinha. Todos comem carne três vêzes por dia, pois isso é costume e mesmo necessário.

O jornaleiro tem aqui mesa mais farta do que muito msstre de ofício ou empregado público na Europa.

Não vejo longe o dia em que a carne aqui ainda será mais barata, especialmente quado estiver construida a estrada da nossa Colônia para o interior, onde existem no planalto, grandes criações de gado. Como as florestas brasileiras são ricas em madeiras de lei e de tituraria, é bem conhecido por tôda a parte.

As florestas de Blumenau são ricas de grandes árvores e como a colônia é cortada de cursos d'agua, há facilidades para a instaição de enge-nhos de serrar. As tábuas são muito procuradas e podem ser serradas à vontade. Quanto ao clima, tenho também que testemunhar de que me sinto

satisfeito. Os m.êses mais quentes s.ão os de janeiro, fevereiro e março, que constituem a fôrça do verão. Há naturalmente, durante esta época do ano comumente de 7 até às 10 horas da manhã um forte calor mas também, e só neste tempo, sopra um vento fresco do mar, o qual purifica o ar e alivia o corpo, de sorte que se suporta qualquer serviço durante todo o dia. O calor a que faço referências, aliás, não é tão forte que não se possa suportar, como muitos talvez pensem aí na Alemanha. Elle atinge, no máximo, poucos gr.ãos mais do que na nossa pátria. Em contrapartida nós não temos inverno e não temos que nos queixar de problemas sérios de saúde. Entretanto, o nosso chamado inverno se caracteriza aqui por uma temperatura de 15° Reaumur, que sobe até 20 graus ao meio dia para descer novamente a 11° e 12° à noite. Segundo as minhas observações, durante todo o ano nós não tivemos mais de 30 noites com temperatura menor de 10°, das quais 3 até 6 com uma pequena queda de geada. A natureza ostenta sempre o seu magnífico verde, só que no tempo do verão o verde é mais escuro do que nos m.êses de inverno. Em fevereiro e nos meados de março há muitos temporais. A atmosfera, antes de uma tempestade, não é entretanto tão pressionante e pesada como na Alemanha. Apenas uma hora antes a gente toma consciência da eminência de uma tempestade, quando as nuvens se levantam de vários pontos do horizonte e de repente cai um forte vendaval que dura uns dez minutos depois do que vem uma chuva forte que dura de uma a três horas.

Logo que a chuva pára, o sól brilha novamente tão claro e o tempo volta a ser tão sereno que não parece ter havido uma convulsão na natureza. Nós alemães nos acostumamos logo a um tão soberbo espetáculo da natureza mesmo quando os raios cortam o espaço e a trovada ronca furiosamente. Apenas nos fica uma forte impressão, pois todo o receio desaparece quando se pensa que na realidade nada de mal pode acontecer, antes só bem pode causar. Aqui a língua e os costumes são alemães, na colônia e nos seus arredores. Mas a gente se adapta logo aos costumes brasileiros ou por necessidade ou por prazer. Assim tanto o meu irmão como a espôsa d.êle e eu já nos acostumamos a andar a cavalo em vez de ir a pé, quando precisamos fazer algum pequeno trecho de caminho. Os brasileiros sempre andam a cavalo, mesmo que o trecho a fazer seja pequeno. A língua portug.uesa não é difícil. Em comunicação com os brasileiros eu já aprendi tanto que podemos nos entender perfeitamente. Pelo lado social, nós alemães nos mantemos muito unidos. É sempre um motivo de júbilo e de alegria quando aos domingos, novos e velhos conhecidos nos encontramos em Blumenau. Na próxima vez mando mais.

Do teu fiél irmão, Rudolph Kirschner.

O primeiro vigário de Blumenau foi, como se sabe, o Padre José Maria Jacobs. Entretanto, êste não foi o primeiro cura das almas dos católicos blumenauenses. O primeiro padre aqui residente e que fôra contratado, na Alemanha, pelo dr. Blumenau, para assistir os moradores católicos de Blumenau foi o Padre Guilherme Antônio Mário Römer que chegou a Blumenau a 11 de dezembro de 1869. Era natural de Wuerttemberg. Permaneceu em Blumenau até 1872. O Padre Römer percebia do govêrno imperial a c.ongrua de 800\$000 anuais e mais 15\$C00 para aluguel de casa, pois, por ocasião da sua chegada, a casa paroquial que lhe seria destinada estava ainda em construção.

Uma Curiosidade Botânica em Blumenau

A ciência denominou de «Fósseis vivos» algumas espécies de animais e de plantas que, através dos milhões de anos de sua existência, conservaram as suas formas primitivas, mantendo-se indiferentes às leis da evolução.

Há vários desses fósseis entre o infinidade de espécies vivas existentes atualmente na natureza. Há, por exemplo, entre os animais, o «*Ornithorhynchus anatinus*» que é uma das duas únicas espécies de mamíferos conhecidos que põe ovos e possuem bico em forma do das aves. É considerado um fóssil vivo, pois ainda existem exemplares na Austrália, tendo se descoberto restos desses animais fossilizados contando milhões de anos de idade e que demonstram que os espécimes vivos não mudaram em nada a sua forma e natureza primitivas.

A nossa anta, o tapir, também é considerada fóssil vivo.

No reino vegetal há também representantes dos fósseis vivos, como por exemplo, a «*Gingko biloba*». Essa planta era tida como árvore sagrada e era cultivada próxima aos templos. Ignorou-se, por muito tempo, se a mesma tinha «habitat» próprio, onde crescesse em estado nativo. Hoje sabe-se que o seu domínio se restringe às províncias de Szetschuan, Yunnan e Chikiang, na China. Encontram-se exemplares como ornamento de parques e jardins em várias partes do mundo.

Há mais de 200 anos ela foi introduzida na Europa. É uma planta que apresenta vários enigmas aos botânicos. As próprias folhas são originais e distanciam-se de outras formas conhecidas, permanecendo completamente isoladas no sistema. Por várias razões, pois, ela é considerada como fóssil vivo, o que se pode atestar por meio dos muitos fósseis encontrados e que datam de milhões de anos. Conhecem-se restos fossilizados dessa planta não só no hemisfério norte, especialmente em Spitzberg e Groenlandia, também na América do Sul, no sul da Africa e na Austrália. Ainda durante o período terciário (plioceno) havia a espécie de «*Gingko*» na Europa Central. Hoje está circunscrita aquelas províncias do Sudoeste asiático. É considerada um resto ainda dos tempos pré-históricos e, por isso mesmo, um legítimo fóssil vivo.

Entre os primeiros colonos de Blumenau, tivemos, além de grandes cientistas, homens cultos que muito se interessavam

pelas coisas da natureza. O próprio dr. Blumenau era um dêles. Emílio Odebrecht e Friedenreich eram outros, sem contar o grande Fritz Müller.

Êsses homens, por onde quer que andassem, traziam para Blumenau sementes e mudas de plantas que lhe parecessem raras ou simplesmente interessantes.

Na antiga propriedade do engenheiro Odebrecht crescem ainda hoje vários exemplares de plantas exóticas, como o chamado «pinheiro do Amazonas», que nada tem de comum com êsse Estado brasileiro, sendo antes natural da Ásia, ao que nos consta. Também ali cresce, talvez uma das bem poucas no Estado, a legítima caneleira da Índia e o gigante das florestas do centro e norte do país, o Jatobá do Mato.

Pois bem: trazido por um dêesses curiosos, talvez pelo próprio dr. Blumenau, temos em nossa cidade, em jardim de propriedade particular, um belo exemplar da «Gigko», um dos poucos fósseis vivos do mundo vegetal.

Vamos pedir ao nosso sábio e querido amigo Padre Reitz (que por sinal há muito não aparece aqui pela redação dos «Carnos») para que, numa das próximas edições, mimoseie os nossos leitores com outras informações sôbre essa e outras plantas que existem em Blumenau e que para aqui foram trazidas pelos nossos antigos colonos. Aliás o Padre Reitz já conhece a existência, aqui, da «Gingko biloba».

É um assunto que vem a calhar à pena erudita do distinto sacerdote, que certamente o aproveitará.

PROVAS MAIS QUE EVIDENTES

O Relatório que o dr. Blumenau fêz sôbre o desenvolvimento da sua Colônia, referente ao ano de 1857, foi publicado, também em língua alemã, em forma de livro e muito difundido nos Estados Alemães. No final, o fundador escreve as seguintes linhas:

«Hamburgo, 2 de maio.

Nestes poucos dias, deverá seguir uma expedição de emigrantes destinados à Colônia Blumenau. Para isso foi aparelha-

Uma Carta do Professor Ostermann

O ilustre historiador DR. CARLOS FICKER, de Joinville, esteve, recentemente, na Alemanha, tendo aproveitado a sua estada no Velho Mundo para rebuscar, em alguns arquivos, documentos relacionados com a história da colonização alemã no Brasil. Segundo êle nos informa, encontrou verdadeiros tesouros, tendo trazido milhares de fotocópias e microfímes de documentos de grande valor para o estudo do nosso passado. Graças à gentileza dêsse nosso brilhante colaborador, poderemos, hoje, apresentar, em tradução, uma carta do primeiro professor público de Blumenau, Ferdinando Ostermann, dirigida a seus pais. A carta tem grande importância para o conhecimento de alguns tópicos da vida de Ostermann, que ainda nos eram desconhecidos e mesmo do próprio desenvolvimento da colonização do Vale do Itajaí.

Como se sabe, Ostermann chegou a Blumenau em 3 de junho de 1852. Era professor diplomado. O Dr. Blumenau instalou-lhe uma escola na sede da colônia; êle servia, ao mesmo tempo, como pastor, presidindo aos officios divinos que eram celebrados em um compartimento do Barracão dos Imigrantes. Em 13 de junho de 1854 foi nomeado, por decreto do Presidente da Província, João José Coutinho, professor público. Era homem de constituição delicada e doentia. Morreu pouco tempo depois. A carta é bem significativa, também, no tocante a outros detalhes do desenvolvimento de Blumenau, por exemplo: a excelente situação em que já se achava a família Pedro Deschamps, estabelecida no Belchior vários anos antes da chegada do Dr. Blumenau e que fôra dos primeiros moradores de São Pedro de Alcântara.

A carta que se segue, em tradução, foi estampada no periódico alemão "DER KOLONIST", n.º 50, pág. 198, de dezembro de 1853.

Colônia Blumenau, 12 de abril de 1853. Queridos pais e irmãos.

Recebi no último Natal a carta que vocês me mandaram com data de 8 de setembro, por intermédio de um imigrante. Foi o melhor presente de Festas que poderia me ter sido propiciado. E agora vamos às notícias:

Até o dia primeiro dêsse mês eu trabalhei constantemente com o Dr. Blumenau, não só fazendo serviços no jardim, como principalmente no escritório. Desde o tempo em que aqui chegou a primeira leva de colonos, composta de, mais ou menos, 60 almas, pelos fins de agosto do ano passado,*), tenho celebrado, de tempos em tempos, cultos divinos. A 1.º de abril eu deixei Blumenau e fui para a casa de uma família, que mora umas duas horas da Colônia Blumenau, rio abaixo, para trabalhar como professor particular. Essa família se chama Deschamps, e procede da parte alemã da França, nas proximidades de Saarbrueck, e já está aqui no país desde 1826*). Ela chegou aqui tão pobre como quase tôdas as famílias alemãs que vêm para cá. Nos primeiros três anos teve que lutar com grandes dificuldades, de que a gente agora nem se lembra. Pelo seu esforço e pela sua atividade chegou a uma situação que se pode chamar de abastada. Ela possui 30 geiras, em um complexo de terras muito bem situado, das quais 4 geiras derrubadas e cultivadas. Ali existem moradias bonitas e sólidas, quase que á moda e no estílo alemão. Próximo a elas existem currais para porcos e galinheiros, jardim, cafèzal e outras árvores frutíferas. Tudo isso junto a um grande pasto com 40 cabeças de gado, alguns cavalos, porcos, patos e galinhas. Êsse pasto, é separado das plantações por uma cêrca. Plantam cana, mandiôca, milho, feijão etc. Neste ano, só a plantação de cana rendeu na fabricação de açúcar e de cachaça mais ou menos 600\$000. Aquela gente vive completamente

sem cuidados e muito bem. Eu tenho quatro das filhas na aula, dos quais o mais moço tem 11 anos.

Tenho que ensinar-lhes as primeiras letras, pois êles pouco sabem de ler e escrever e contar. Ao mesmo tempo, continuo com as minhas funções de pregador na Colônia Blumenau. Os colonos que Blumenau recebeu, tiveram um começo muito ruim, porque de setembro até novembro tivemos muita chuva, de sorte que muitos desanimados foram embora. Porém aquêles que ficaram, agora não se arrependem e estão em muito melhor situação que aquêles que foram embora.

A terra que temos é muito boa, tem água muito pura e não espera outra coisa mais que venham ainda umas 100 famílias morar para cá. As plantações de fevereiro e do outono estão em excelentes condições e isso foi o que levantou novamente o entusiasmo e a coragem da gente.

Eu já estou completamente adaptado ao clima e ao modo de vida daqui e estou gozando de muito boa saúde,

Saudações muito cordiais a vocês todos e não tenham preocupações comigo, pois eu vivo aqui numa terra onde um homem correto sempre encontra o seu sólido futuro.

Tu sempre queres a verdade, querido pai, e eu aqui a escrevo.

Permaneçam todos com saúde e mandem breves notícias ao seu

FERDINANDO OSTERMANN

(Professor de Obergebra, em Nordhausen)

*) Há, nesta passagem, evidentemente, um engano. A primeira leva de imigrantes chegou em Blumenau a 2 de setembro de 1850. Como, porém, a maioria dos colonos que integraram êsse grupo deixou, pouco depois a Colônia e a primeira grande leva tivesse chegado em agosto de 1852, naturalmente Ostermann dava esta última como o primeiro grupo realmente importante de imigrantes. Nesse ano de 1852 foi que chegaram a Blumenau, entre outros, o sábio Fritz Müller e seu irmão Augusto, com as respectivas famílias, a citado Ferdinando Ostermann, Guido von Seckendorff (voluntário da Guerra do Paraguai) e vários outros que tiveram destacada atuação no desenvolvimento da colonização. (N. da R.)

**) É possível que Deschamps estivesse no país desde 1826. Mas a Santa Catarina êle chegou, apenas, em 1828, com a primeira leva de imigrantes destinados à Colônia de São Pedro de Alcântara. Desta êle mudou-se, depois de 1835, juntamente com outros colonos alemães, para as margens do Itajaí Açu uns ficando na povoação de SS. Sacramento do Itajaí, como Pedro e Jacob Müller e outros nas colônias de Pocinho e Belchior, criadas pela lei n.º 11, daquele mesmo ano de 1835, como os Deschamps, Wagner, Lucas, Schramm, Zimmermann e outros. (N. da R.)

As cartas de colonos que temos publicado nestes "Cadernos" e que estamos publicando nesta edição, citam, muitas vezes o "Taler" como base de preços de utilidades. O Taler foi moeda usada na Prússia no século passado e valia 30 Silbergroschen. Passou à moeda geral em todos os estados alemães no século 19, tendo sido, originariamente, cunhado no Tirol. Em 1907 foi absorvido pela moeda de 3 Marcos, passando a ter esta denominação. Quando se vê da carta que vai publicada à pág. 199 desta edição, que, nos começos da colônia, um alqueire de arroz com casca custava 1 Taler e 10 Silbergroschen e um jornaleiro 20 Silbergroschen por dia pode-se ter uma idéia do valor efetivo da moeda, naquela época.

Curiosidades sôbre as Ruas de Blumenau

A Alameda Duque de Caxias já teve os seguintes nomes: "Stadt-platz" nos tempos da Colônia. Foi aí que se construíram as primeiras casas de Blumenau. Nela moraram as principais figuras da fundação: o Dr. Blumenau, Guilherme Friedenreich, Júlio Baumgarten, Hermann Wendeburg. Quando morreu este último, que era secretário, guarda-livros e vice-diretor da Colônia, em 1881, o Dr. Blumenau, como uma homenagem à memória dêsse que fôra o seu melhor auxiliar e grande amigo, deu à rua, então principal da povoação, o nome de "Boulevard Wendeburg", denominação que foi depois confirmada pela primeira Câmara Municipal em 1883. Anos depois, mudaram-lhe o nome para Alameda Dr. Blumenau, depois da morte do fundador, 1889. O nome de Wendeburg foi dado á Rua da Velha, hoje João Pessoa. Quando inaugurou-se a estátua do Dr. Blumenau na praçinha fronteira à rua Nereu Ramos, deu-se o nome do fundador à mesma praça, sendo substituído o nome da Alameda para o atual, "Duque de Caxias".

A atual rua Itajaí já se chamou "Vorstadt" até há bem poucos anos atrás. Chamou-se também rua do Hospital. Depois, em 1889, a Câmara Municipal deu-lhe o nome de Rua 13 de Maio (em homenagem à data da emancipação dos escravos). Passou, posteriormente a chamar-se Rua Minas Gerais até que transferiram êsse nome para uma rua do Bairro da Velha, passando então a saída para Itajaí a denominar-se Rua Itajaí.

A rua Ângelo Dias, nos tempos coloniais e mesmo nos primeiros anos do município, chamou-se "Gespensterstrasse" (Rua dos Fantasmas). Diziam que, ali, tarde da noite, aparecia um fantasma, vestido de prêto que assustava os raríssimos transeuntes. Depois, chamou-se Travessa 4 de Fevereiro, em homenagem à data da criação do Município de Blumenau (4 de fevereiro de 1880). Recentemente recebeu o nome atual em homenagem ao caboclo canoero que serviu de guia ao Dr. Hermann Blumenau, quando êste, em companhia de Fernando Hackradt, seu sócio, explorou o rio Itajaí Açú (1848).

A rua Padre Jacobs quando foi aberta, recebeu o nome de Rua Espírito Santo. A rua Santo Antônio, ao lado do Convento dos Franciscanos, chamou-se, nos tempos da Colônia, Rua de Abrantes, em homenagem ao Marquês de Abrantes que muito ajudou o Dr. Blumenau nas suas negociações com o Governo Imperial.

A rua Capitão Euclides de Castro foi o Beco Aimoré.

A rua Amadeu da Luz, foi Rua da Velha, depois Rua Goiás.

Até 1930 a cidade estava dividida apenas em 7 subúrbios: Vorstadt, Ribeirão Fresco, Garcia, Velha, Salto Baixo (até proximidade da Ponte do Salto), Ponta Aguda e Itoupava Norte.

Até êsse ano, a cidade contava com, apenas, 45 ruas devidamente batizadas. Hoje, êsse número sobe a mais de 400.

A PRESENTE EDIÇÃO DE «BLUMENAU EM CADERNOS» DEVE A SUA PUBLICAÇÃO À GENTILEZA DAS SEGUINTE FIRMAS QUE, POR INTERMÉDIO DA RESPECTIVA COMISSÃO DO LIONS CLUBE DE BLUMENAU-CENTRO, CONTRIBUÍRAM PARA O MONTANTE DAS RESPECTIVAS DESPESAS:

CASA BUERGER

PEDRO SANT'ANNA - Polar.

MADEREIRA ODEBRECHT LTDA.

TIPOGRAFIA CENTENÁRIO LTDA.

TRANSPORTADORA VALE DO ITAJAÍ LTDA.

NEITZEL - Corretores de Seguros Ltda.

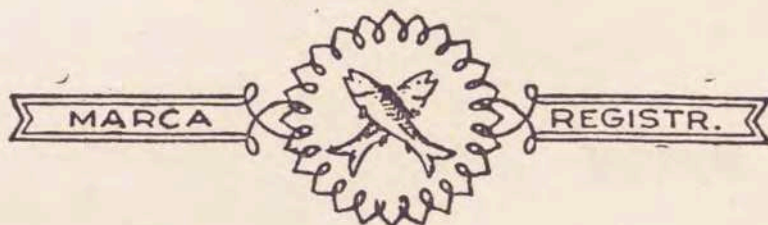
RELOJOARIA SCHWABE, de Oswaldo Schwabe.

CARLOS KOFFKE S/A. - Comércio e Importação.

INDÚSTRIA TÊXTIL

Companhia Hering

BLUMENAU — Estado de Santa Catarina — BRASIL
RUA HERMANN HERING, 1790 — CAIXA POSTAL N° 2
TELEGR.: «TRICOT»



Fábrica de
ARTEFATOS DE MALHAS

Fundada em 1880

CONTRIBUINDO PARA A

GRANDEZA DO BRASIL

EM SEU COMÉRCIO

E INDÚSTRIA.